



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.7, jan./jun.2010



O ENTRELAÇAMENTO DE HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *A ÚLTIMA QUIMERA*, DE ANA MIRANDA

Altamir Botoso
(Doutor — UNIMAR)

RESUMO

Neste artigo, procuramos analisar o romance *A última quimera* (1995), de Ana Miranda. Esta obra é um romance histórico contemporâneo que entrelaça história e ficção na recriação do poeta Augusto dos Anjos (1884-1914), permitindo a releitura e reinterpretação de dados de sua vida e de sua obra, com a intenção de revalorizar o escritor e sua produção artística.

PALAVRAS-CHAVE

Romance histórico; Ana Miranda; Augusto dos Anjos; Narrador.

ABSTRACT

En este artículo, intentamos analizar la novela *A última quimera* (1995), de Ana Miranda. Esta obra es una novela histórica contemporánea que mezcla historia y ficción en la recreación del poeta Augusto dos Anjos (1884-1914), permitiendo la relectura y reinterpretación de datos de su vida y de su obra, con la intención de revalorizar el escritor y su producción artística.

KEYWORDS

Novela histórica; Ana Miranda; Augusto dos Anjos; Narrador.

Palavras iniciais

E curioso notar o interesse que a literatura e sua história vêm despertando em diversos escritores não só do Brasil, mas também de outros países. Em nosso país, a utilização de escritores canônicos ou não, como protagonistas romanescos, vem acentuando-se e aumentando cada dia.

Ana Miranda é uma das escritoras que tem se dedicado a escrever obras que os críticos denominam romances históricos. Nos seus livros, a história do Brasil, a vida e as produções de romancistas e poetas brasileiros converteram-se em matéria ficcional.

Levando em consideração estes dados preliminares, pretendemos abordar o romance *A última quimera*, procurando flagrar os aspectos mais significativos de sua construção, que mescla ficção e história no seu enredo. Num primeiro momento, faremos um comentário geral de quatro livros da autora — *Boca do inferno* (1989), *A última quimera* (1995), *Clarice* (1999) e *Dias e Dias* (2003) — os quais, de certa forma, podem ser encarados como uma tentativa de recontar a história da literatura brasileira. Em seguida, vamos levantar características do romance *A última quimera*, que nos permitem considerá-lo como um romance histórico, e analisar o contraste que se estabelece entre Augusto dos Anjos e Olavo Bilac (1865-1918). Finalmente, estudaremos a figura do narrador-testemunha e a sua importância dentro do romance selecionado.

“A literatura se alimenta da literatura” e da própria história literária. “Consciente das premissas antropofágicas da ficção moderna” (GRECCO, 1999, p. 6), os leitores e a crítica podem constatar que o romance está trilhando novos e diferentes rumos, contestando a história oficial e a história da literatura que encontramos em manuais tradicionais. O presente estudo é uma tentativa de

verificar como se efetiva o processo de releitura e reinterpretação da história literária brasileira por meio da análise do romance *A última quimera*.

História e ficção em obras de Ana Miranda

A escritora cearense Ana Miranda publicou uma série de romances históricos nos últimos anos. O primeiro deles foi *Boca do inferno* (1989), "obra que deu fôlego à popularização do romance histórico em nosso país, nas últimas décadas" (ESTEVES, 1998, p. 143).

Este romance tem os escritores Gregório de Matos (1636-1695) e Antonio Vieira (1608-1697) como personagens centrais e várias características de suas obras, assim como do movimento Barroco, são apresentadas no livro *Boca do inferno*. As antíteses vida x morte, céu x inferno, Deus x Diabo, que são marcas inconfundíveis do estilo Barroco, aparecem por todo o romance. Também encontramos trechos das poesias e de textos de Gregório e Vieira ao longo da obra.

Em *A última quimera* (1995), Ana Miranda escreve sobre o poeta Augusto dos Anjos, narrando sua vida cheia de frustrações, fracassos, e cujo reconhecimento do valor literário de sua poesia só se deu após sua morte. Quando ele publicou sua única obra, o livro intitulado *Eu* (1912), a crítica dividiu-se em opiniões favoráveis e desfavoráveis, mas ninguém chegou realmente a compreender o que ele escreveu.

Outro personagem que se destaca nesse romance é Olavo Bilac. O narrador acaba estabelecendo um contraponto entre os dois poetas e entre as escolas que os dois representam: Simbolismo e Parnasianismo, respectivamente.

Da mesma forma que na obra sobre os poetas barrocos, em *A última quimera*, deparamo-nos com fragmentos de poemas de Bilac e Augusto dos Anjos e comentários a respeito de suas produções e sobre várias características dos movimentos Parnasiano e Simbolista.

No ano de 1996, Ana Miranda escreveu um pequeno volume de noventa e cinco páginas, com o título de *Clarice Lispector — o tesouro de minha cidade*. Tal livro foi republicado em 1999, com o título de *Clarice: ficção*, pela Companhia das Letras.

Composta de fragmentos, a obra tem como protagonista a escritora Clarice Lispector (1926-1977). O seu estilo, personagens e títulos de suas obras vão aparecendo à medida que o narrador descreve a sua vida solitária num apartamento, ou as suas caminhadas de madrugada, na praia de Copacabana:

Espera, filho, vou fazer um café, deixa-me acender um cigarro.
Filho, onde estiveste de noite? (MIRANDA, 1999, p. 23).
A cidade está cheia de moças assim. Uma delas é chamada de Macabéa. Macabéa paira entre os seres humanos, entra na mente de Clarice e nasce.
[...] Clarice leva Macabéa dentro de si (Idem, p. 34-5).
Ele quer ouvir, ela fala e fala, como é bom ter alguém para nos ouvir, sabe, eu matei os peixes, [...] (Idem, p. 66).

Além de dados biográficos da vida de Clarice, aparecem títulos de suas obras — *Onde estiveste de noite?* (1974), *A mulher que matou os peixes* (1969) — e até o personagem Macabéa, do seu romance *A hora da estrela* (1973), está presente no texto de Ana Miranda.

A escritora em apreço pode ser considerada como a “renovadora do romance histórico brasileiro justamente por buscar, na opacidade ambígua do passado, aquilo que, nos documentos e arquivos, lhes é lacunar: os elementos poéticos, psicológicos e dramáticos, em poucas palavras, o sentimento vivo do passado”.¹ Além disso, nota-se, na sua produção ficcional, uma clara intenção de revalorizar romancistas brasileiros que foram negligenciados e esquecidos pelos críticos literários e também pelo público leitor.

¹ Ministério da Cultura. Ana Miranda. Disponível em: http://virtualbooks.terra.com.br/osmelhorsautores/biografias/Ana_Miranda.htm. Acesso em 09 de maio de 2009.

No romance *Dias e dias* (2002), Ana Miranda repete a fórmula ficção-verdade e vai buscar no século XIX a história do poeta Gonçalves Dias (1823-1864), marcada pelo espírito romântico. Aliás, a linguagem do livro é tipicamente romântica, assim como a personagem-narradora, a verdadeira protagonista da obra, cujo nome é Feliciano. O poeta Antonio Gonçalves Dias passa a existir por meio das recordações de Feliciano, uma mulher sonhadora que, desde os 12 anos, tem um amor platônico pelo poeta, o qual a acompanha por toda a sua vida.

Há, como nos livros anteriores da escritora, o resgate histórico da época, contextualizando seres reais e ficcionais, através do delineamento das revoltas que atingiram o Maranhão, como é o caso da Balaiada — uma revolta popular na qual os pobres invadem e saqueiam casas de pessoas importantes, que são obrigadas a abandonar suas fazendas. A revolta termina com a morte de seus líderes.

Em *Dias e dias*, Feliciano parece ser a própria incorporação do espírito romântico oitocentista, conforme afirmação de Eunice Morais (2003, p. 459). Ela é uma memória ambulante que transforma Gonçalves Dias num ser etéreo, intocável e, ao mesmo tempo, tão presente. Feliciano é o sabiá, com toda a sua brasilidade, preso na gaiola e com saudades do poeta romântico nacionalista (MORAIS, 2003, p. 457-9).

Nas quatro obras que comentamos, constatamos que Ana Miranda revisita a história da literatura brasileira, partindo do Barroco (Gregório de Matos e Antonio Vieira), passando pelo Romantismo (Gonçalves Dias), Parnasianismo e Simbolismo (Olavo Bilac e Augusto dos Anjos), até chegar ao Modernismo (Clarice Lispector).

Não deixa de ser instigante o fenômeno de que vários escritores, nas últimas décadas, passaram a utilizar autores canônicos e não canônicos da literatura brasileira como protagonistas de obras ficcionais. Assim, Bento Teixeira (1561-1600) em *O primeiro brasileiro* (1995), de Gilberto Vilar; Qorpo Santo (1829-1883) em *Os cães da província* (1986), de Luís Antonio de Assis Brasil; Tomás Antonio Gonzaga (1744-1810?) em *A barca dos amantes* (1991), de

Antonio Barreto; Machado de Assis (1839-1908) em *Memorial do fim* (1991), de Haroldo Maranhão; Lima Barreto (1881-1922) em *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* (1977), de João Antonio; Graciliano Ramos (1892-1953) no livro *Em liberdade* (1981), de Silviano Santiago, dentre outros, tornaram-se personagens de romances históricos e os leitores puderam entrar em contato e, guardadas as devidas proporções, conhecer a história da literatura brasileira por outro ângulo: o da ficção. Dessa forma, é possível usufruir de uma nova visão de nossa literatura, diferente daquelas que encontramos nos manuais que elencam períodos, autores e obras, muitas vezes, de forma arbitrária.

O romance histórico brasileiro, nos casos mencionados, transformou autores e obras ficcionais em matéria narrativa, permitindo que o leitor possa desfrutar de pontos de vista variados e diversificados sobre a literatura brasileira. Ao contrário dos dogmáticos manuais tradicionais, o romance revitalizou a literatura e seus escritores, questionou e revalorizou autores marginalizados como Bento Teixeira, Qorpo Santo, Augusto dos Anjos etc. e também reinventou outras facetas de escritores consagrados.

Depois de tecidas algumas breves considerações sobre Ana Miranda e seus livros, deter-nos-emos no seu romance *A última quimera*, conforme nos propusemos anteriormente.

A última quimera: da história para a ficção

A obra está dividida em cinco partes e cada parte está subdividida em subtítulos e vários capítulos: A plenitude da existência — Parte Um — Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1914 (14 capítulos), Eu (8 capítulos), A luz lasciva do luar (14 capítulos), A triste dama das camélias (10 capítulos), O morcego tísico (17 capítulos), p. 9-137; Parte Dois — A viagem — O terror como leitmotiv (6 capítulos), Uma simplicidade campesina (10 capítulos), p. 140-172; Parte Três — Leopoldina, MG — Lagarta negra (11 capítulos), Esther em negro (13 capítulos), A

lua provinciana (4 capítulos), Os tristes vidros violeta (6 capítulos), O rosto da morte (6 capítulos), Um urubu pousou na minha sorte (10 capítulos), *Et perdez-vous encore le temps avec les femmes* (5 capítulos), p. 173-282; Parte Quatro — De volta ao Rio de Janeiro — Marca de Fogo (7 capítulos), Um mundo infinito (2 capítulos), p. 283-306; Parte Cinco — Epílogo — A roda da vida (8 capítulos), p. 307-323.

A autora, como já fizera anteriormente em *Boca do inferno*, privilegia o espaço: o romance começa e termina falando da cidade do Rio de Janeiro. Mais tarde ainda voltaremos a falar de uma oposição importante que se estabelece no romance entre campo e cidade. Como se pode perceber, a obra está dividida em muitos capítulos, mas todos são curtos, nunca ultrapassando mais de duas páginas, e alguns são apenas parágrafos de poucas linhas. Aliás, também as frases e os parágrafos são curtos. A escritora, que foi roteirista, usa a técnica cinematográfica dos cortes e cenas rápidas, o que dá grande agilidade ao relato. Todos estes elementos deixam a leitura agradável e interessante para o leitor.

A narrativa inicia-se com a morte do poeta Augusto dos Anjos e o que chama nossa atenção é a fidelidade aos dados biográficos do poeta paraibano. Do seu nascimento no Engenho Pau-D'Arco, em 20/04/1884, até a sua morte em Leopoldina, em 12/12/1914, todos os dados são verídicos e, para comprová-los, basta consultar, por exemplo, *Poesia e vida de Augusto dos Anjos*, de Raimundo Magalhães Júnior (1977).

A reconstituição dos fatos históricos do período em que o poeta viveu também é extremamente fiel. Alguns exemplos que podemos citar são as disputas políticas do período republicano:

Uma turbamulta no Catete desfilou aos berros e, diante do palácio, se fizeram discursos incendiários, pedindo a volta de Deodoro. [...] Floriano, que morava na Piedade, ouvindo as notícias dos tumultos calçou seus sapatos e correu para o campo, a pé mesmo. [...] Mandou prender um monte de gente, inclusive José do Patrocínio, Pardal Mallet e Olavo Bilac. [...] Havia mais de uma dúzia de

jornalistas presos. [...] Cinco meses depois Bilac foi posto na rua, [...] (MIRANDA, 1995, p. 73-4).

A Revolta da Chibata:

Logo que chegaram ao Rio de Janeiro, Augusto e Esther assistiram pela janela do sobrado à sublevação da marinhagem, podiam ver os couraçados parados no mar; os canhões [...] durante a revolta ficaram assestados sobre diversos pontos da cidade, como o Catete, o Senado, o Arsenal da Marinha, para a qualquer momento bombardeá-la, [...]. Os marinheiros queriam que fossem abolidos os castigos corporais — chibata e outros — [...] (MIRANDA, 1995, p. 129).

A modernização do Rio de Janeiro:

No cais Mauá atravesso uma multidão de operários, passo sob o molhe de ferro galvanizado e ondulado, [...] sentindo o cheiro delicioso do café nas sacas empilhadas; [...] a fumaça que sai dos navios enegrece o ar, [...].

Ao passarmos na avenida, o tílburí toma uma incrível velocidade, cruzando com outros veículos também rápidos, [...]. Peço ao cocheiro que vá mais devagar. Ele conta que uma chuva alegou parte da cidade, [...]. Depois reclama da quantidade de automóveis e carros tirados a cavalos ou burros, [...] já existem mais de duzentos automóveis licenciados na cidade, ele lamenta (MIRANDA, 1995, p. 287-288).

Todos os fragmentos citados comprovam um árduo trabalho de pesquisa histórica e também uma preocupação em retratar os usos e costumes da época, garantindo a verossimilhança do romance.

No romance histórico tradicional de modelo scottiano, havia dois princípios básicos: 1) criava-se um pano de fundo histórico rigoroso, “onde figuras históricas reais ajudam a fixar a época”, sendo sempre personagens secundários, 2) “sobre esse pano de fundo histórico se situa a trama fictícia, com personagens e fatos criados pelo autor” (ESTEVES, 1995, p. 24). Já o romance histórico contemporâneo vai romper o primeiro princípio, ao transformar figuras históricas conhecidas em protagonistas, como é o caso de Augusto dos Anjos, em *A última quimera*.

O crítico Seymour Menton (1993, p. 42-46), no seu livro *La nueva novela histórica de la América latina: 1979-1992*, aponta seis características do romance histórico contemporâneo, as quais transcrevemos a seguir:

- 1- A apresentação mimética de determinado período histórico se subordina, em diferentes graus, à apresentação de algumas idéias filosóficas, segundo as quais é praticamente impossível se conhecer a verdade histórica ou a realidade, o caráter cíclico da história e, paradoxalmente seu caráter imprevisível, que faz com que os acontecimentos mais inesperados e absurdos possam acontecer;
- 2- A distorção consciente da história mediante omissões, anacronismos e exageros;
- 3- A ficcionalização de personagens históricos bem conhecidos, ao contrário da fórmula usada por Scott;
- 4- A presença da metaficção ou comentários do narrador sobre o processo de criação;
- 5- Grande uso da intertextualidade, nos mais variados graus;
- 6- Presença dos conceitos bakhtinianos de dialogia, carnavalização, paródia e heteroglossia.

No romance em apreço, só se encontra ausente a característica do item 2, uma vez que Ana Miranda empreende um rigoroso cerco à história factual e reproduz fielmente episódios e acontecimentos do período em que o poeta Augusto dos Anjos viveu. O referido escritor é uma personalidade histórica conhecida e é o protagonista da obra, a qual trata de sua vida de escritor marginalizado, de sua produção literária que se resume a único livro publicado — *Eu* (1912) — e, na construção do texto, notamos trechos de suas poesias, de cartas de sua mãe (D. Mocinha) e de Esther, os quais se encontram amalgamados à narrativa e, por vezes, difíceis de serem localizados e detectados. A carta que Esther escreve para D. Mocinha, para informar sobre a doença e a morte de Augusto (Cf. MAGALHÃES JR., 1977, p. 296-298), é transformada numa conversa entre o narrador e Esther, na parte três (O rosto da morte — cap. 4) (MIRANDA, 1995, p. 247-248). Todos os dados da carta viram diálogo no romance.

A presença do fenômeno da intertextualidade e a metaficção perpassam todo o romance e podem ser observados e comprovados em várias passagens do

enredo. O entrecruzamento de vários discursos encontra-se marcado pela presença das cartas que são assimiladas e transformadas em diálogo e também pelos textos de autoria de Augusto dos Anjos que são incorporados à matéria narrada. Desse modo, verifica-se que *A última quimera* enquadra-se nos moldes do romance histórico contemporâneo, busca reavaliar a recepção crítica de Augusto dos Anjos em sua época e destaca sua importância dentro da literatura brasileira, convidando críticos e leitores a ler sua obra com um novo olhar, livre das críticas severas que o poeta recebeu no passado, numa clara atitude de valorização do escritor e de sua obra.

Simbolistas x parnasianos: Augusto dos Anjos e Olavo Bilac

Estabelece-se n' *A última quimera* um contraponto importante entre Augusto dos Anjos e Bilac. O primeiro, marginalizado, incompreendido por leitores e críticos, sendo obrigado a se mudar constantemente, por não poder pagar aluguéis, quase às portas da miséria e o segundo, boêmio, viajando sempre para a Europa, aclamado e apreciado pelos leitores e pela crítica.

É o próprio Augusto quem se define como um sujeito azarado, "deserdado pela sorte", nas páginas iniciais do livro:

Há em mim, não sei por que sortilégio de divindades malvadas, uma tara negativa irremediável para o desempenho de umas tantas funções específicas da ladinagem humana. O que eu encontro dentro de mim é uma coisa sem fundo, uma espécie aberratória de buraco na alma, e uma noite muito grande e muito horrível em que ando, a todo instante, a topar comigo mesmo, [...] (MIRANDA, 1995, p. 23-24).

O fragmento acima é um desabafo do personagem porque Esther tivera um aborto. No entanto, podemos perceber também que a pobreza o incomoda. Ele não consegue um emprego fixo, apenas promessas de políticos e de amigos que nunca se cumprem. Ele não tem a "ladinagem humana" necessária para obter um

bom emprego, falta-lhe esperteza para viver num mundo onde a corrupção, a mentira e a falta de caráter já eram fatores dominantes.

Se Augusto não é capaz de se adaptar à realidade que o cerca, ficando sempre à margem, inconformado, mas impotente diante das injustiças que se sucedem em sua vida, Olavo Bilac é o seu oposto. Leva uma vida de prazeres, junto a amigos e prostitutas, viaja para a Europa (sua cidade preferida é Paris). Bilac é um morador da cidade, marcado pela modernidade, enquanto Augusto é o sujeito tímido, que veio do campo:

Como explicar a alma de Augusto? Mesmo sua própria alma, a do senhor Bilac, tão luminosa, visível, que produz uma poesia voltada para o amor e as estrelas, contém um enigma. Além disso, o senhor Bilac é um homem nascido numa cidade e assim, talvez, jamais possa entender o que é alguém vindo de uma várzea úmida por cujo fundo passa um rio de águas negras, de uma coloração quase tão escura quanto a noite e, como ela, de uma sombra densa, profunda mas, paradoxalmente, repleta de mil matizes; um rio tão misterioso que parece carregar em suas águas a própria morte. [...] Um lugar povoado por uma aristocracia rural com antepassados portugueses, holandeses, franceses, [...] uma gente quieta, murcha, [...] fechada em suas alcovas, [...] (MIRANDA, 1995, p. 28-9).

As diferenças entre as vidas dos dois poetas são profundas. A paz e a solidão do campo transformaram Augusto num ser silencioso, contemplativo e taciturno, ao passo que Bilac é o seu oposto, um habitante da metrópole: extrovertido, falante, participante ativo da vida política do país, o que acarreta sua prisão e o leva a se refugiar por algum tempo em Minas Gerais.

Ambos divergem também quanto aos temas tratados em suas obras. Na poesia de Augusto dos Anjos, observa-se "uma angústia funda, letal, ante a fatalidade que arrasta toda a carne para a decomposição", e ele "canta a miséria da carne em putrefação" (BOSI, 1994, p. 289):

Ele mesmo se tornara um demônio para escrever seus versos e os túmulos, os vermes, os esqueletos mórbidos, a noite funda, o poço, os lírios secos, os sábados de infâmias, os defuntos no chão

frio, a mosca debochada, as mãos magras, a energúmena grei dos ébrios da urbe, [...] a mandíbula inchada de um morfético de orelhas de um tamanho aberratório, um sonho inchado, podre, todos estes elementos da imaginação de Augusto não passavam de gracejos infernais (MIRANDA, 1995, p. 28).

A morte e a putrefação da carne são temas que estão sempre presentes na produção artística de Augusto dos Anjos. Os temas de Bilac são completamente diferentes:

Assim como Augusto falava continuamente na morte e seus correlatos, Bilac trata das estrelas, diz que têm olhos dourados, que há entre elas uma escada infinita e cintilante; suas estrelas falam, abrem as pálpebras, o senhor Bilac vive cercado de centenas, milhares, milhões de estrelas, da Via Láctea, de uma nuvem coruscante, da estrela-mulher, da estrela-virgem, perdido no seio de uma estrela (MIRANDA, 1995, p. 59-60).

O firmamento, o universo, estrelas e, sintomaticamente, mulheres-estrelas revelam que as preocupações e inquietações de Bilac dirigem-se para um pólo positivo: vida, em oposição ao tema da morte, predominante em Augusto dos Anjos.

Se Augusto dos Anjos foi sempre perseguido pela infelicidade e por desgraças, Olavo Bilac teve mais sorte, foi cortejado pelos poderosos, frequentou assiduamente a sociedade da época e, aparentemente, não teve problemas financeiros:

Creio que agora [Bilac] está indo para alguma palestra literária. Desde que começou a guerra européia, ele se empenhou na propaganda de serviço militar compulsório e tem sido homenageado pelo Exército, militares de alta patente o festejam em suas casas com banquetes, o clube Naval o recebe com cerimônias. [...]

Bilac [...] é o poeta do Palace Theatre, muitas vezes Príncipe dos Poetas eleito por notáveis, o poeta da Cultura Artística, o poeta da Agência Americana, amigo dos poderosos, autor de planos extraordinários, um *gentleman*, diretor do Pedagogium, secretário do prefeito e, para sua desgraça, com fama de rico, o que deve ser a causa maior da inveja que provoca por aí (MIRANDA, 1995, p. 303-305).

Não podemos esquecer que, na juventude, Bilac lutara contra o governo de Floriano Peixoto e chegara até a ser preso por isso. Com a idade e o amadurecimento, a atitude de rebeldia cedeu lugar à acomodação, e ele passa a apoiar as ideias, os valores e as ideologias governistas. Dessa maneira, não podemos estranhar a sua total aceitação pela sociedade, pelo governo e pelos militares. Tais dados comprovam o sortilégio, a plena aceitação e o prestígio alcançado pelo “Príncipe dos Poetas”.

Contudo, no fim do romance, as distâncias que separavam os dois poetas — campo e cidade e os temas de suas poesias — diluem-se e ambos igualam-se na morte. Augusto viveu modestamente e morreu na pobreza, em Leopoldina-MG, ao lado da esposa, e recebendo o apoio de alguns poucos amigos que conquistara nessa cidade. Bilac, no fim da vida, adoece, afasta-se dos amigos boêmios e da vida noturna, torna-se um “infeliz solitário”, e morre em sua casa, no seu quarto “com as janelas fechadas e as cortinas vedando a luz” (MIRANDA, 1995, p. 319). A morte equipara-os, irmana-os, enfim, nivela-os na condição de seres humanos que têm sempre o mesmo destino.

Um narrador quimérico

O narrador de *A última quimera*, além da sua função de narrar a história para o leitor, também é personagem, ainda que secundário, dentro do enredo do romance. Qualquer análise que se faça desse livro, deve levá-lo em consideração, uma vez que é ele quem transmite os fatos e se centram nele a visão e a voz do relato.

O narrador-testemunha “narra em 1ª. pessoa, mas é um ‘eu’ já interno à narrativa, que vive os acontecimentos aí descritos como personagem secundária que pode observar, desde dentro, os acontecimentos, e, portanto, dá-los ao leitor de modo mais direto, mais verossímil” (LEITE, 1987, p. 37). Como testemunha, o ângulo de visão é mais restrito, pois ele só pode contar os fatos que vê, ouve e

dos quais participa. Ele pode também lançar mãos de hipóteses, questionamentos, mas “não consegue saber o que se passa na cabeça dos outros” personagens (LEITE, 1987, p. 38).

A utilização de um narrador deste tipo cria uma cumplicidade entre narrador e leitor porque o narrador vai narrar somente o que descobre, dividindo suas descobertas, opiniões e impressões com o leitor, tornando-o co-participante das peripécias narradas.

No romance de Ana Miranda, o fato que deflagra o relato é o encontro, na rua, entre o narrador e o poeta Olavo Bilac. Ele fala a Bilac sobre a morte de Augusto dos Anjos e declama “Versos íntimos”. A crítica de Bilac é severa e ácida:

Olha para os lados. Num impulso súbito deseja livrar-se de mim. ‘Pois se quem morreu é o poeta que escreveu esses versos’, ele diz, ‘então não se perdeu grande coisa’. E parte, caminhando depressa, como se fugisse.

[...] Mas esta é a verdade, sem máscara: Olavo Bilac não apreciou o poema (MIRANDA, 1995, p. 13-4).

Esta cena baseia-se num fato realmente ocorrido, como atesta Otto Maria Carpeaux na orelha do livro de Augusto dos Anjos: *Toda a poesia* (1976), que contém, além das poesias do livro *Eu*, poemas escritos entre 1900 e 1914, não recolhidos em livro pelo autor. Carpeaux comenta a obra do poeta paraibano e declara que

ninguém o compreendeu, ninguém lhe leu os versos nos cafés superficialmente afrancesados do Rio de Janeiro, e é conhecida a cena de um de seus raros admiradores que leu um soneto de Augusto dos Anjos a Olavo Bilac e recebeu a resposta desdenhosa: ‘É este o seu grande poeta?’.

O “raro admirador” foi transformado em narrador por Ana Miranda. Curiosamente, o nome de tal admirador é desconhecido e, no romance, o nome do narrador não nos é revelado em nenhum momento. Ficamos sabendo que ele é apaixonado por Esther, é amigo de infância de Augusto dos Anjos, têm vários

encontros com Olavo Bilac e possui uma chácara em Botafogo, na qual vive com Camila, uma doente tuberculosa e quase adolescente.

O narrador/personagem é poeta e frequenta a casa de Augusto e Esther com assiduidade. Mesmo com as mudanças rotineiras do casal, ele mantém-se sempre em contato. Com a morte de Augusto, tem esperanças de conquistar Esther que, entretanto, acaba casando-se com um professor do grupo escolar de Leopoldina, conhecido como Caboclinho. Preterido por Esther, ele consola-se com Camila: "Mas estou feliz com Camila. Nunca mulher alguma tratou-me com tanto amor e respeito, até mesmo adoração. Perdoou-me por tê-la abandonado. Livrou-se da tuberculose, embora viva sempre presa a cuidados especiais" (MIRANDA, 1995, p. 317).

O narrador é o único a ter um final feliz, pois Augusto fora sempre infeliz, uma vítima de fatalidades e injustiças, e Bilac, no fim da vida, tornou-se recluso, alheio ao mundo exterior que tanto o seduzia na juventude, e ambos morrem solitários e esquecidos.

Todos os fatos sobre a vida de Augusto, Esther, seus parentes e eventos históricos da época foram recontados fielmente pela autora e podem ser facilmente comprovados, por exemplo, no livro *Poesia e vida de Augusto dos Anjos*, de Raimundo Magalhães Júnior (1977). Contudo, todos os eventos relacionados ao narrador, à Camila, aos encontros daquele com Bilac e mesmo a convivência com Augusto e Esther são fictícios ou, pelo menos, não há nenhuma documentação que comprove a existência de um amigo de infância e que o tenha acompanhado e estado presente nos momentos mais importantes de sua vida.

Um fato que confirma nossa interpretação é o capítulo final da obra, no qual o narrador afirma ter recebido o título de "Príncipe dos Poetas". Pelo que sabemos, apenas Olavo Bilac e Alberto de Oliveira receberam tal honraria, em 1913 e 1924, respectivamente (BOSI, 1994, p. 220 e 227). Observemos a passagem em que se dá o encontro do narrador com uma jovem e ocorre o fato que comentamos:

Numa madrugada, estou saindo de uma farmácia quando ouço a voz de alguém a me cumprimentar [...]. Falamos alguns minutos sobre Augusto, ela demonstra conhecer muito bem a obra e a vida do poeta, chega a comentar algo sobre minha infância passada junto dele, no Engenho do Pau D'Arco.

Ela me diz que leu meus livros de poesias, que me admira muito, que ficou feliz de me ver eleito o Príncipe dos Poetas, que ela também escreve versos, e pede para recitar um deles para mim. [...]

Apressado, com os remédios de Camila nas mãos, mal ouço as palavras que a moça recita (MIRANDA, 1995, p. 322).

Uma possível interpretação que podemos dar ao narrador/personagem é a de que ele é a quimera do título da obra e da epígrafe do escritor Jorge Luiz Borges (1899-1986), que aparece no início do livro. A referida epígrafe ocupa as páginas 5 e 6 da edição que estamos utilizando e nelas o escritor argentino procura desvendar os sentidos do vocábulo "quimera", partindo de seu aparecimento na *Ilíada*, depois comenta o seu uso na *Eneida*, até chegar ao significado que se encontra nos dicionários: "[...] la palabra [quimera] queda, para significar lo imposible. Idea falsa, vana imaginación, [...]." Portanto, quimera supõe sonho e por extensão, invenção/criação e, portanto, é um narrador/personagem quimérico quem narra as poucas aventuras e as muitas desventuras do poeta paraibano Augusto dos Anjos.

Palavras finais

Ao romance, nas últimas décadas, coube a façanha de reler a história, pôr em dúvida posições e fatos encarados como dogmas e dar versões sobre acontecimentos e verdades camufladas por governos ditatoriais e totalitários.

Mas não foi só no terreno da história oficial que o romance empreendeu releituras e reinterpretções. Ele voltou-se também para a própria história da literatura brasileira, transformando autores conhecidos ou não, em personagens ficcionais e suas obras em matéria narrativa.

Ana Miranda faz parte de um grupo de escritores que passou a tratar, em seus romances, da vida e das obras de romancistas e poetas brasileiros. Quatro de seus romances — *Boca do inferno*, *A última quimera*, *Clarice* e *Dias e dias* — têm autores brasileiros como personagens (Gregório de Matos, Augusto dos Anjos, Clarice Lispector e Gonçalves Dias). Verifica-se uma progressão que abarca a maioria dos movimentos literários do Brasil: Barroco, Romantismo, Parnasianismo, Simbolismo e Modernismo. Com essas obras, pode-se considerar que a autora empreende uma releitura da história da literatura brasileira com o objetivo de valorizar e repensar a atitude dos críticos em relação aos escritores mencionados.

Em *A última quimera*, Ana Miranda criou um narrador quimérico para relatar as “fortunas e adversidades” do poeta Augusto dos Anjos. O referido narrador fornece aos leitores da obra elementos que permitem reler dados da vida e da obra do marginalizado poeta paraibano e propicia, dessa maneira, uma releitura e uma revalorização do escritor e de sua produção artística.

Referências bibliográficas

ANJOS, Augusto dos. *Toda a poesia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

ESTEVES, Antonio R. O novo romance histórico brasileiro. In: ANTUNES, Letizia Zini (org.). *Estudos de literatura e lingüística*. São Paulo: Arte & Ciência; Assis-SP: Curso de Pós-Graduação em Letras da FCL/UNESP, 1998, p. 123-58.

FRIEDMAN, Norman. Point of view in fiction. The development of a critical concept. In: STEVICK, Philip (org.). *The theory of the novel*. New York: Free Press, 1967, p. 108-137.

GRECCO, Sheila. *As horas é Mrs. Dalloway* dos anos 90. *Folha de São Paulo*. Ilustrada, Caderno 4, 28 de agosto de 1999, p. 6.

LEITE, Lígia C. M. *O foco narrativo*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Poesia e vida de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: INL, 1977.

MALARD, Letícia. Romance e história. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. 3: 143-150, 1996.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. México: FCE, 1993.

Ministério da Cultura. Ana Miranda. In: http://virtualbooks.terra.com.br/osmelhorsautores/biografias/Ana_Miranda.htm. Acesso em 09 de maio de 2009.

MIRANDA, Ana. *Boca do inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *A última quimera*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Clarice: ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Dias e dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MORAES, Eunice de. Resenha de *Dias e dias*. *REVISTA LETRAS*. Curitiba: Editora UFPR, n. 60, p. 457-459, jul./dez. 2003.

Artigo recebido em 10/05/2009 e publicado em 13/04/2010.